

(CRI)ATIVIDADE NO ENSINO DE LITERATURA Maria Alzira de Souza Santos¹

Resumo

No ensino da literatura, os professores têm enfrentado diversos tipos de problemas, como falta de tempo e necessidade de cumprir o programa, falta de recursos/verbas para propor atividades diferenciadas e, principalmente, falta de interesse dos alunos pelas leituras escolares. O objetivo deste trabalho é apontar a importância da criação de atividades, mesmo que absolutamente simples, que envolvam poucos recursos e ainda assim agucem a criatividade dos alunos; pequenas ações que possam contribuir para o ensino da literatura em sala de aula e que tenham o aluno como protagonista. Tomamos por base a proposta de letramento literário, de Rildo Cosson (2019), algumas técnicas sugeridas por Doug Lemov (2006), as considerações de Maria do Socorro Pereira e Almeida sobre as perspectivas metodológicas do ensino de literatura (2014), e a referência à “imagem-ação” feita por Benjamin Abdala (1989). Apresentamos o resultado de experiências diferentes, que se propuseram a motivar os alunos para a leitura de textos literários, três realizadas em escolas públicas e uma em escola particular no estado de São Paulo.

Palavras-chave: Ensino, Literatura, Criação de Atividades.

CREATIVITY IN LITERATURE TEACHING

Abstract

In the teaching of Literature, teachers have faced several different kinds of problems, such as lack of time and the necessity to perform a program, lack of resources / funds to propose differentiated activities and, mainly, lack of interest from students in school readings. The objective of this paper is to point out the importance of developing activities, even if they are absolutely simple, they involve few resources and still urge students' creativity; small actions which can contribute to the teaching of Literature in the classroom and which they have the student as the protagonist. We take as a basis the literary literacy proposal, by Rildo Cosson (2019), some techniques suggested by Doug Lemov (2006), the considerations of Maria do Socorro Pereira e Almeida about the methodological perspectives of the teaching of Literature (2014), and the reference to the “image-action” made by Benjamin Abdala (1989). We present the results of different experiences, which were proposed to motivate students to read literary texts, in which three of them was carried out in public schools and one in a private school in the state of São Paulo.

Keywords: Teaching, Literature, Developing Activities.

¹ Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa formada pela Universidade de São Paulo. Professora de E.B.T.T. no Instituto Federal de São Paulo, *campus* Presidente Epitácio.

(CRE)ATIVIDADE EN LA ENSEÑANZA DE LITERATURA

Resumen

En la enseñanza de literatura los profesores han enfrentado diversos tipos de problemas, como la falta de tiempo y la necesidad de cumplir el programa, la falta de recurso/verbas para proponer actividades diferenciadas y, principalmente, la falta de interés de los alumnos por las lecturas escolares. El objetivo de este trabajo es apuntar la importancia de la creación de actividades, aunque muy sencillas, que envuelvan pocos recursos y aún así agucen la creatividad de los alumnos; pequeñas acciones que contribuyan para el ensino de la literatura en clases y que tengan el alumno como protagonista. Nos basamos en la propuesta de letramento literario, de Rildo Cosson (2019), en algunas técnicas sugeridas por Doug Lemov (2006), en las consideraciones de María do Socorro Pereira e Almeida sobre las perspectivas metodológicas de la enseñanza de la literatura (2014), y en la referencia a la “imagen-acción” hecha por Benjamin Abdala (1989). Presentamos el resultado de experiencias distintas, las cuales tenían como propuesta la motivación de los alumnos para la lectura de textos literarios, tres de ellas realizadas en escuelas públicas y otra en una escuela particular en el estado de São Paulo.

Palabras-clave: Enseñanza, Literatura, Creación de Actividades.

No meio do caminho ... várias pedras

Falta de tempo e necessidade de cumprir o programa, falta de recursos/verbas, falta de interesse dos alunos pelas leituras escolares - essas serão sempre pedras no meio do caminho de professores que de fato se propõem a fazer trabalhos diferenciados com o ensino da literatura. No entanto, o objetivo deste trabalho é apontar a importância da criação de atividades mesmo que absolutamente simples, que envolvam poucos recursos e ainda assim agucem a criatividade dos alunos.

Coloquem os alunos para trabalhar! – disse certa vez o diretor de uma escola, dirigindo-se aos professores durante uma reunião. Segundo ele, nós professores trabalhávamos muito em sala de aula, devíamos, portanto, dar mais “trabalho” – que o mesmo queria dizer mais “atividades” para os alunos. Um desafio, na verdade, se considerarmos que nossos alunos, em sua maioria, são irrequietos por natureza: prontos a prestar atenção aos seus celulares, às conversas com os colegas e aos ruídos externos, mas por pouco, diríamos até pouquíssimo, tempo à aula. Para vencer esse desafio professores desdobram-se das mais variadas formas possíveis: da rigidez e punições ao lúdico e descontraído, vale (quase) tudo para obter não só a atenção do aluno como sua aprendizagem de fato. No que tange ao ensino da Literatura o desafio parece ainda maior. Salvo raras exceções, a maioria não gosta de ler – muito menos as leituras solicitadas na escola.

Almeida (2014) argumenta sobre a dificuldade da literatura em concorrer com a rapidez e a capacidade atrativa dos artifícios tecnológicos os quais não só se atualizam constantemente como já trazem prontas informações que poderiam/deveriam ser construídas pelo leitor:

(...) como despertar o interesse pela literatura? Como tirá-la do contexto de inutilidade que se criou através dos tempos? Como atrair o olhar do estudante para ela, em uma sociedade em que os artifícios tecnológicos mostram outras perspectivas, e o sistema de informação, cada vez mais rápido e mal utilizado, nos traz pronto o que deveria ser descoberto e construído pelo leitor? (ALMEIDA, 2014, p. 9)

Assim, torna-se difícil a tarefa do Ensino da Literatura quando se tem por objetivo não apenas a leitura do texto em si, mas também a formação de leitores competentes, ou seja, aqueles que são capazes não apenas de ler, mas também de compreender o contexto, estabelecer associações com suas experiências e compartilhar socialmente suas interpretações. Fazer, enfim, com que o aluno consiga não apenas descobrir a verdade presente na literatura: “É lógico que a literatura possui aspectos da realidade, cada contexto literário, à sua maneira traz uma realidade, porque a literatura possui a sua própria verdade, uma vez que transmite uma experiência entre o homem e o todo que o cerca.” (ALMEIDA, 2014, p.9), mas também questioná-la e associar essa experiência à sua experiência de vida e de mundo. A pergunta que não se cala é: Mas como fazer isso? Como despertar o interesse, chamar a atenção do aluno para as leituras obrigatórias da escola?

Cosson (2019) propõe o Letramento Literário como uma maneira de escolarização da literatura, ou seja, trabalhar a literatura de modo a propiciar aos alunos condições para um encontro efetivo com o texto literário. O autor faz uma distinção entre obras contemporâneas e atuais:

Obras contemporâneas são aquelas escritas e publicadas em meu tempo e obras atuais são aquelas que têm significado para mim em meu tempo, independentemente da época de sua escrita ou publicação. De modo que muitas obras contemporâneas nada representam para o leitor e obras vindas do passado são plenas de sentido para a sua vida. O letramento literário trabalhará sempre com o atual, seja contemporâneo ou não. É essa atualidade que gera a facilidade de leitura dos alunos. (COSSON, 2019, p. 34)

Temos então uma primeira pista/dica: buscar a atualidade dos textos literários, de maneira que o aluno encontre significado no texto associando-o ao seu tempo. Mostrar a ele como a literatura acompanha as transformações do mundo e como através dela podemos entender melhor as relações humanas. Dessa maneira o professor, ao fazer as ligações

necessárias entre a obra e seu tempo com o aluno e seu tempo, conseguirá, no mínimo facilitar a leitura.

Cosson (2019) sugere duas Sequências de trabalho de literatura com os alunos: a Sequência Básica (Motivação, Introdução, Leitura, Interpretação) e a Expandida (Motivação, Introdução, Leitura, Primeira Interpretação, Contextualização, Segunda Interpretação, Expansão). Nos dois casos, a ideia é propiciar aos alunos uma experiência prazerosa com a literatura incluindo atividades desenvolvidas por eles.

Abdala Júnior (1989), ao tratar da articulação de textos literários produzidos por autores africanos de língua portuguesa (autores engajados na construção de uma nova ordem político-social plenamente desalienada dentro de cada nacionalidade), refere-se à “imagem-ação” que o escritor engajado constrói e afirma: “Uma imagem que seja ação, sem tolher a imaginação, a criatividade.” (ABDALA JÚNIOR, 1989, p. 15). A partir da palavra imaginação, o autor analisa os textos literários desses autores salientando o fato de serem uma projeção da imagem na ação (imagem+ ação, imaginação), no caso, política.

Interessa-nos essa ideia de projetar a imagem na ação para suscitar nos alunos a criatividade, a imaginação. E, associado às propostas de Cosson, pensar o ensino da literatura a partir da criação de atividades feitas pelos e para os alunos. Atividades que busquem a atualização dos textos e que sejam experiências prazerosas.

Apresentaremos a seguir o resumo de quatro experiências que fizemos, três em escolas públicas e uma em escola particular; todas no estado de São Paulo.

E agora, Professor?

Uma professora recém-formada ia assumir pela primeira vez uma turma no Ensino Médio, escola pública, periferia de São Paulo, aulas à noite. Seu nervosismo beirava o desespero: “Estou com medo, não sei se vou conseguir”, dizia. Outra professora, com um pouco mais de experiência, disse: “Mas é claro que vai. Você não estudou para isso? Agora vá lá e faça o que você sabe!”

Estudar os professores estudam, e muito. Mas quando acabam “a festa/as luzes” das belas teorias dos grandes críticos da Educação, a participação em eventos (Seminários, Encontros, Simpósios, ...) e as aulas de alguns mestres entusiastas e otimistas, vem a dura realidade das salas de aula. E com todos os problemas que temos citado: falta de tempo, de recursos e, principalmente, de interesse dos alunos.

No entanto, assim como no poema de Drummond, o professor também é resistente. Somos fortes, temos a opção de “Ir lá e fazer o que sabemos”, e ainda: “Colocar os alunos para trabalhar”. As dificuldades continuarão as mesmas, os problemas todos (citados aqui ou não) igualmente não deixarão de desistir. No entanto, podemos ao menos tentar e, algumas atividades aparentemente simples, podem render bons resultados.

Lemov (2011) a respeito do uso em sala de aula de atividades de canto, dança e teatro, afirma:

Música, peças de teatro e movimento elevam o moral e também estabelecem uma identidade coletiva. É por isso que existem em todas as etnias ou culturas do mundo. A elevação do moral é muito mais poderosa na juventude, sobretudo quando se está preso a uma cadeira. Interpretar textos e cantar podem ser maneiras formidáveis de lembrar uma informação. Teatro, canto e dança também ajudam a potencializar a memória. (LEMOV, 2011, p. 236)

Elevação do moral, identidade coletiva e potencialização da memória – resultados positivos e benéficos que já justificam a recorrência a essas atividades em sala de aula. E, mais do que isso, “arejam” as aulas e estimulam os alunos – os quais acatam com entusiasmo a realização de tarefas diferentes.

Respeitável público ...

De modo geral os alunos gostam de representar (há sempre um ou outro fazendo algum tipo de imitação). Propor uma peça de teatro é uma tarefa em que todos podem trabalhar: há espaço para os que gostam de atuar e para os que gostam de pintar, desenhar, decorar – estes ficam com o cenário e figurino enquanto aqueles com o texto propriamente. Dependendo da peça, é possível também um grupo que trabalhe com dança. Poucas atividades movimentam tanto a turma toda como o teatro, além de ser, desde os tempos antigos, uma maneira de suscitar a reflexão e o prazer através da apresentação de textos literários:

Na antiga Grécia e Roma, os textos das epopeias homéricas, bem como de poetas e teatrólogos como Ovídio, Cícero, Virgílio e outros, eram declamados ou lidos para que os ouvintes se deleitassem com as facetas dos estilos literários, refletissem sobre seus conteúdos e observassem as belezas do mundo. (ALMEIDA, 2014, p. 8)

Em uma escola pública da periferia de São Paulo, quando os alunos estudavam o Humanismo e a obra de Gil Vicente, propusemos que encenassem o Auto da barca do inferno. Estamos falando de uma escola com pouquíssimos recursos (de alunos com vários tipos de

carências: desde roupas e sapatos a alimentos e moradia); e de um conteúdo bastante distante: o Humanismo do final da Idade Média.

A saída encontrada foi fazer o que sugere Cosson (2006): atualizar o texto. Seguindo a ordem da Sequência Básica que o autor propõe, depois da Motivação (algumas discussões sobre teatro/representações), da Introdução (quem foi Gil Vicente e qual a importância de seu teatro moralizante) e da Leitura (sala com carteiras organizadas em círculo e todos alunos lendo, cada um trechos dos diálogos), a Interpretação ficou por conta da encenação da obra – com a ideia de atualizarmos um pouco a partir da indagação: que figuras da sociedade atual poderiam estar prestes a entrar na barca que levaria ao céu ou ao inferno? Imediatamente os palpites foram surgindo: os políticos corruptos, os traficantes, os trabalhadores operários, até Hitler apareceu ... A probabilidade de colocar tanta gente (atual ou bem conhecida) perante o julgamento do Diabo e do Anjo contagiou a turma, que foi dividida em dois grupos, e cada um apresentaria sua versão.

Quase nenhum gasto: cada um montou seu próprio figurino, a aluna que representou o Anjo usou um vestido leve e claro, o aluno que representou o Diabo, uma roupa social escura; os demais vestiram o que achavam mais adequado e possível, um pouco de maquiagem e pronto. Para o cenário, uma tábua enfeitada servia de barca e a lousa dividida em duas partes onde escreveram simplesmente “Céu” e “Inferno” bastou para delimitar os espaços necessários. Empréstimos de material de um grupo da sala para o outro também foram permitidos.

As personagens do texto original de Gil Vicente foram mantidas – os alunos não viram nenhum problema em que, após a morte, pessoas de várias épocas diferentes se encontrassem para serem julgadas por seus atos. Tivemos, também, é claro, que ceder o horário de algumas de nossas aulas para que os ensaios acontecessem (o programa não foi prejudicado, sempre é possível redistribuir os conteúdos e, com um pouco de esforço e boa vontade, acaba dando tudo certo).

Ressalte-se a simplicidade de tudo, o importante foi que, mais do que ler e estudar algo da literatura desse período, os alunos “vivenciaram” o texto de Gil Vicente. A obra do teatro moralizante do autor resgatada e atualizada pelos alunos e ao mesmo tempo reinterpretada em seus aspectos culturais, como sempre acontece nos textos literários:

Percebe-se, então, que tanto na prosa como na poesia, a literatura traz traços marcantes da vida dos povos e de suas tradições, hábitos e costumes, também as produções, aspirações, repulsas e temores dos povos em cada época, independente da classe social, nacionalidade, raça ou cor, através de um mundo idealizado mimeticamente. (ALMEIDA, p. 10)

Um grande entusiasmo tomou conta de todos – ficaram felizes e orgulhosos do trabalho que apresentaram, além do fato que tiveram que estreitar os laços de união entre eles e assim puderam perceber a força da coletividade. Portanto, é provável que não se esquecerão desta atividade de leitura por muito tempo, ou seja: elevação do moral, coletividade e potencialização da memória.

Quando o aluno também é um poeta fingidor

Os alunos não gostam de ler textos em prosa, principalmente romances, porque são, em geral, muito longos – a maioria opta pelas resenhas e resumos que encontram na internet. E também não gostam de ler poemas – porque são muito “complicados” de entender, ou simplesmente “chatos”. Assim, a grande beleza e maravilha que é o fazer poético, perde-se em meio ao desgaste do encontro do aluno com a poesia através da obrigatoriedade do seu estudo. No ensino da literatura nas escolas não há “um momento para o “deleite” do texto literário, afastando o aluno do texto e provocando o “assassinato do gosto literário” (ALMEIDA, 2014, p. 13).

Desse modo, torna-se ainda mais desafiador o ensino da literatura quando o professor trabalha com poemas. Na mesma escola em que trabalhamos com o texto de Gil Vicente, no ano seguinte uma nova turma de primeiro ano do ensino médio estudaria poesia. Dessa vez aproveitamos uma ideia de Lemov (2011) quando afirma que:

Rotinas são poderosos motivadores de eficiência e previsibilidade. Elas também tornam mais divertidas, surpreendentes e inspiradoras quaisquer variações ocasionais. Se aproveitado com sensatez, o inesperado pode ser poderoso. Juntos, o suspense e a surpresa fazem da aula uma aventura, não importa qual seja o conteúdo. (LEMOV, 2011, p. 237)

A seguir o autor narra a experiência de uma professora de artes que levou uma caixa-surpresa para a aula. Foi o que fizemos: levamos uma caixa grande, decorada com papel de presente e cheia de coisas muito simples e fáceis de arranjar: um chapéu, um cofrinho em forma de porco, uma caixa em formato de coração, uma echarpe, um anel, um estetoscópio (de brinquedo), uma pedra, ...). Conforme prevíamos, a caixa aguçou a curiosidade dos alunos e serviu como bom estímulo para a tarefa que propusemos: os alunos foram divididos em pequenos grupos e receberam cópias de vários poemas, a saber:

- De Carlos Drummond de Andrade: **Congresso internacional do medo; Quadrilha; No meio do caminho e As sem-razões do amor.**

- De Manuel Bandeira: **Pneumotórax; Andorinha; O anel de vidro; Porquinho-da-Índia.**
- De Vinícius de Moraes: **Soneto do amigo e Pela luz dos olhos teus.**
- De Fernando Pessoa: **Autopsicografia.**
- De Mário Quintana: **Bilhete.**
- De José Craveirinha (poeta moçambicano): **Pena e Um homem nunca chora.**

Eles deveriam ler os poemas e depois fazer uma apresentação – que poderia ser individual, em dupla ou em grupo; não precisava ser de todos os poemas, mas como se formaram vários grupos, todos os poemas foram apresentados. Os alunos deveriam escolher entre os objetos da caixa algo para ajudar na apresentação. Não se tratava de uma leitura simplesmente, nem de uma mera declamação, era para vivenciar os poemas, penetrar no fazer poético e refazer, de alguma forma, o seu caminho. Os objetos ajudaram nas “encenações”, com o estetoscópio apresentaram o poema **Pneumotórax**: um aluno sentado e o outro era o médico; o cofrinho em forma de porquinho era acariciado enquanto apresentavam o **Porquinho-da-Índia**, gestos e entonação de voz (a zanga, o desprezo, a pena) para o poema **Pena**, de Craveirinha; a caixa em formato de coração foi usada no poema **Quadrilha** (ia passando de mão em mão “João que amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria” – quando chegou em “Joaquim que morreu”, o aluno jogou-se no chão . Como tínhamos duas aulas seguidas, a classe usou a primeira aula para os ensaios, primeiro brincaram um pouco com os objetos, depois foram selecionados os que iriam necessitar e enfim combinaram quem usaria primeiro qual objeto. Novamente pudemos notar entusiasmo e alegria, era o aluno, afinal, fazendo sua própria interpretação no encontro com a poesia – sem ficar atrelado ao que os críticos já analisaram e disseram, numa tentativa de dar ao aluno autonomia de sujeito perante o texto literário:

Por outro lado, percebemos a necessidade de o aluno entrar em contato com os diversos textos literários, romances, crônicas, poemas, contos, fazer sua própria interpretação e depois a interação em sala de aula, intermediada pelo professor. Ações que são de suma importância para que o aluno, como bem observa Zilberman (1991), não fique condicionado a assimilar os conceitos e a tradição como verdades, sem se colocar sobre o assunto, uma vez que o conteúdo literário sempre foi e ainda é visto como “lei” ou conhecimento irrefutável, ou seja, vale o ponto de vista do professor, fato que tira do aluno a autonomia de sujeito perante o texto, sendo a perspectiva interpretativa do aluno ignorada. (ALMEIDA, 2014, p. 8)

Portanto, voltamos aqui à ideia da imagem na ação (ABDALA, 1989), ler os poemas e interpretá-los a seu modo, através de sua própria imaginação: além dos objetos da caixa, os alunos usaram outros por sua conta que foram adaptando ao contexto dos poemas.

De acordo com a sabedoria popular “A primeira impressão é a que fica”, nós nos esforçamos para que a impressão daqueles alunos no primeiro encontro com a poesia na escola tenha sido a melhor possível. Infelizmente não continuamos com a turma nos anos seguintes.

Em cartaz: os alunos!

No ano de 2020, pudemos dar algumas aulas no ensino presencial antes da suspensão do calendário escolar no Instituto Federal de São Paulo, campus de Presidente Epitácio, interior de S por causa da pandemia. Foi quando fizemos uma atividade com alunos de uma turma de terceiro ano do ensino médio, seguindo a Sequência Básica proposta por Cosson (2006). As aulas, eram na verdade, de Redação, mas fizemos a experiência de trabalhar com a leitura de um romance da literatura angolana: o livro **As aventuras de Ngunga**, de Pepetela.

Iniciamos com a seguinte Motivação: a partir da palavra “Aventuras” perguntamos aos alunos de que se lembravam, falaram sobre desenhos animados, telenovelas e filmes. Era, pois, uma forma de preparar a entrada do aluno no texto: “Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto”. (COSSON, 2019, p. 54).

Essa foi a maneira que usamos para fazer os alunos entrarem no texto, ou seja, o primeiro passo foi trazer à tona a questão de aventuras e o que poderia ser, então, um aventureiro.

Na sequência, introduzimos o título do livro de Pepetela, perguntando aos alunos sobre que tipo de aventura o livro parecia tratar e explicamos que se tratava de uma obra da literatura angolana. Era o momento da Introdução (apresentação do autor e da obra), portanto falamos sobre a literatura de Angola, como está atrelada à sua história, à questão das lutas nas guerras de libertação do domínio colonial português. Pepetela foi combatente nessas guerras e escreveu **As aventuras de Ngunga** (primeira publicação em 1972) e também **Mayombe** (1980) em pleno combate, nas florestas angolanas. Explicamos ainda, como toda a literatura africana de língua portuguesa trabalha com questões de resistência a partir da elaboração própria de seus textos - os intelectuais desses países, obrigados a pegarem em armas para fazerem a guerra de libertação, fizeram de sua literatura também uma forma de combate – a força estética da palavra capaz de despertar consciências.

Algumas aulas antes havíamos trabalhado com a projeção da imagem do quadro **La Guernica**, de Picasso, e discorremos um pouco sobre a guerra civil espanhola a qual ocorreu entre os anos de 1936 a 1939; depois ouvimos a música **Era um garoto assim como eu**, da banda Engenheiros do Havaí, a qual faz alusão à guerra do Vietnã (1955-1975); por fim lemos um texto sobre a guerra na Síria (com início em 2011 e ainda acontecendo até aquela data) e algumas definições de guerra. Nessas aulas, os alunos comentaram bastante sobre o fato de que nas guerras – sejam quais forem – sempre muitas pessoas perdem a vida, sobretudo os jovens recrutados para as batalhas. Todas essas reflexões e discussões foram importantes para os passos seguintes, o da Leitura e o da Interpretação.

Para a Leitura, optamos por selecionar apenas alguns capítulos do livro para a sala de aula e sugerimos a leitura do texto integral para casa. Na sala de aula, as carteiras foram dispostas em círculo desde o início da aula e os alunos iam oferecendo-se para fazer a leitura, fazíamos pausa para tirar alguma dúvida de vocabulário e para observar o acompanhamento da história por todos. Os próprios alunos iam refazendo a trajetória de Ngunga: quem era, por onde passava, como eram as outras personagens que surgiam e, principalmente, como Ngunga avaliava e reagia diante das situações pelas quais passava. Algo que chamou a atenção dos alunos foram os comportamentos negativos ou positivos dos adultos da história e a postura íntegra do jovem Ngunga frente a esses comportamentos. Enfatizamos a questão da escola. No livro, a princípio Ngunga não quer ir para a escola, pois não julga necessário, mas quando ele e União, seu professor, são presos pela PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado, polícia portuguesa), o menino lamenta o fato de não saber escrever:

Já tinham passado dez dias sobre o combate. União era interrogado todos os dias. De fora do escritório, Ngunga ouvia as pancadas e os berros do chefe da PIDE, mas nunca conseguira ver o professor. Se soubesse escrever Sim, se soubesse escrever, podia meter um bilhete na cela de União e combinarem juntos a fuga. Mas pouco se interessara por aprender, só gostava mesmo era de passear. Pela primeira vez, Ngunga deu razão ao professor que lhe dizia que um homem só pode ser livre se deixar de ser ignorante. (...) (PEPETELA, 1981, p. 37)

Assim, foi possível uma discussão sobre a importância da educação como condição necessária para a verdadeira liberdade e de valores como honestidade, amizade, coragem, companheirismo e outros. Abrimos espaço para que cada aluno expusesse suas impressões com o primeiro contato com aquele texto literário, não todos quiseram, mas os que falaram ressaltaram a bravura e determinação do pequeno órfão de guerra que enfrenta muitas

dificuldades, mas não se intimida diante de adultos “mentirosos e/ou covardes” e defende os valores que aprendeu a respeitar.

O último passo, a Interpretação, ficou para a aula da próxima semana, era o momento em que os alunos deveriam fazer a externalização, o registro da leitura. Sugerimos que fossem feitas duas: uma produção escrita individual (poesia, texto crítico-reflexivo, ...) e uma outra em grupo: cartazes com desenhos, frases, figuras; produção de outro texto ou outras atividades sugeridas por eles. Os resultados foram gratificantes: os alunos trouxeram seus textos individuais e as produções que fizeram em grupo. Fizeram cartazes com desenhos de mãos acorrentadas libertando-se, de lugares e objetos da história, de imagens do livro e também muitos desenhos da personagem Ngunga. Apresentaram também cartazes com frases do educador Paulo Freire, outros com palavras diversas, com poesias feitas por eles e houve quem desenhasse Malala Yousafzai, a ativista paquistanesa que ficou conhecida mundialmente após ser baleada na cabeça por talibãs ao sair da escola em 2012 e por ser a pessoa mais jovem a ganhar o prêmio Nobel da Paz. Quanto aos textos individuais, escreveram poesias e reflexões sobre guerra, educação e liberdade.

Observamos, nesse caso, como o texto literário não foi trabalhado de forma isolada e não ficou restrito a uma leitura apenas, ao contrário, junto com o quadro, a música e os outros textos, propiciou um ambiente em que os alunos trouxeram suas contribuições de outros campos socioculturais e enriqueceram a discussão dos temas trabalhados, eles vieram ao centro da cena e se puseram em cartaz. Outra vez a atualização da obra ditou as regras da atividade, o texto que Pepetela escreveu em 1972 (quando nossos alunos sequer eram nascidos) para orientar e motivar os novos combatentes na guerra de libertação em Angola, suscitou importantes reflexões em nossos jovens alunos.

Cantemos, o momento existe!

Trabalhar com o texto literário no ensino das línguas estrangeiras tem ainda outros agravantes: além da dificuldade da língua, muitas vezes os alunos não encontram exemplares disponíveis no mercado, entre outros fatores.

Contudo, queremos apenas destacar uma experiência com a leitura de determinada edição de **Dom Quixote** com alunos do segundo ano do ensino médio em uma escola particular em São Paulo, em aulas de língua espanhola. Não queríamos que os alunos fossem levados a apenas entender o enredo de tão importante obra da literatura universal, entre outros objetivos, estava o de fazê-los entender que, a despeito de sua loucura, o famoso fidalgo de La Mancha

estava de fato investido na missão de defender os pobres e necessitados, quando acreditava ser um verdadeiro cavaleiro andante.

Assim, em uma aula levamos para a classe uma canção interpretada pela cantora argentina Mercedes Sosa: “Sólo le pido a Dios”. Para começar, nenhum deles jamais sequer ouvira falar dessa artista, a cantora que ficou conhecida como “a voz dos sem voz” era uma completa desconhecida. Falamos então sobre sua vida e sua arte, e também das parcerias com cantores brasileiros: nascida em Buenos Aires em 1935, não só gravou canções de artistas como Milton Nascimento, Caetano Veloso, Fagner, Chico Buarque como também cantou com eles em muitos shows no Brasil e na Argentina. Aos poucos os risos foram desaparecendo, fizemos a leitura da letra da canção na qual “pede-se a Deus” para não se tornar uma pessoa indiferente à guerra – vista como um “monstro que pisa forte a pobre inocência das pessoas” (*Sólo le pido a Dios que la guerra no me sea indiferente/ es un monstrro grande y pisa fuerte toda la pobre inocencia de la gente*), e à dor dos demais entre outras coisas. Debates, então, sobre guerra, injustiças e desejo de não se calar. Em seguida, as associações com Quixote: louco por não querer calar seus sonhos, sua luta? Por expressar seu desejo de querer reparar injustiças e socorrer oprimidos? Estavam abertos novos caminhos para a leitura do texto de Cervantes – caminhos estes que passavam pela percepção da arte como instrumento transformador, e, outra vez aqui, a força estética das palavras através de linguagens artísticas capazes de despertar consciências.

Ao final da leitura do livro, os alunos produziram textos reflexivos sobre essa temática trabalhada relacionando livro e canção, O cuidado em casos como esse é o de não priorizar o tema em detrimento do texto literário, Cosson (2019) chama a atenção para isso quando trata da “Contextualização temática”:

(...) Depois, é preciso não fugir da obra em favor do tema, isto é, muitas vezes o estudo daquele tema é tão interessante que a obra fica para trás e o que deveria ser um estudo literário passa a ser um estudo deste ou daquele assunto. Nesse caso, cabe ao professor fazer a delimitação rigorosa do trabalho dedicado ao literário (...). (COSSON, 2019, p. 90)

No entanto, se estamos atentos a essas questões, fazer uma pausa no trabalho com o texto literário e introduzir outra atividade pode ser uma experiência enriquecedora, afinal, evitamos que o aluno caia em uma monotonia de tarefas de leituras. Canções são extremamente usadas nas aulas de línguas (estrangeiras ou não) e podem ser poderosas aliadas no ensino da literatura.

Considerações finais

O ensino da literatura ainda precisa de muitas discussões, dada a importância da função do professor de literatura e os incontáveis desafios por ele enfrentados:

(...) o ensino de literatura ainda é um caso a ser discutido profundamente, uma vez que se acentua, a cada dia, a carência de leitura e de perspectiva crítica sobre os textos de um modo geral, especialmente o texto literário. Desse modo, a função de um professor de literatura é desafiada a cada momento, primeiro pela contradição na evidência da importância da literatura para a vida humana e, ao mesmo tempo, como ela é ignorada pela sociedade e pelo estudante e, depois, por se de levar esse contexto literário ao aprendente de modo que ele a conceba como uma tarefa agradável e como algo importante para sua vida. (ALMEIDA, p. 18)

Sabemos ainda que muitas outras dificuldades surgem ao longo do caminho, como:

O professor, por sua vez, se limita, muitas vezes, ao livro didático como único instrumento de ensino, já pela obrigatoriedade, já pelo comodismo. É lógico que consideramos aqui as exceções e é visível também que a vida profissional do professor no Brasil, especialmente do nível fundamental e Médio, não é fácil. As atribuições são muitas, o tempo é curto, a grade curricular, no caso da literatura, é resumida e o professor ainda tem que dividir o tempo com mais de uma instituição, para poder suprir sua necessidade financeira. Por outro lado, esse professor ainda conta, em certos casos, com um número excessivo de alunos em sala de aula, fator que também contribui para acomodação do professor ao livro didático. Dessa forma, não podemos esquecer como bem afirma Regina Zilberman (1991, p. 94), que “de uma maneira ou de outra, eles se encarregam de orientar a ação do docente em sala de aula” e a leitura torna-se, assim, uma obrigação. (ALMEIDA, p. 18)

Assim, o professor de literatura, que tem essa tarefa tão necessária e importante na vida dos alunos, na maioria das vezes só consegue contar com o livro didático em suas aulas – as quais, por sua vez, estão com um número grande de alunos na sala de aula. Como conseguir resultados mais positivos com tantos obstáculos? E nem sequer tratamos das questões que fazem parte da formação desse professor e de outras socioeconômicas da educação no Brasil. São, pois, muitos os problemas inerentes ao tema que precisam, e devem, ser discutidos.

No entanto, esperamos que, ao contribuir para ao menos suscitar um pouco dessas discussões, estamos também contribuindo para que se busquem alternativas para a efetivação dessa tarefa que deve ser concebida como prazerosa e importante para o aluno.

Vamos de mãos dadas

Do papel para a ação, ensinar literatura através de ações para além da leitura dos textos - a qual, de fato, não pode mesmo ser substituída:

Nessa perspectiva, como afirma Malard (1985), o melhor caminho para a aprendizagem da literatura ainda é a leitura dos textos literários e a crítica sobre eles, pois nenhuma outra forma de ver seus conteúdos, como resumos ou adaptações, substitui a prática da leitura original, uma vez que são releituras. (ALMEIDA, 2014, p.10)

Contudo, importa não se limitar à leitura, mas investir (investir mesmo, não é gastar) tempo na preparação e execução de atividades motivadoras que possam tornar essas leituras mais prazerosas para os alunos porque não só contam mais com a participação deles no processo, como também contribuem para a liberdade, conscientização e redescoberta do Outro. Alfredo Bosi, citando a Paulo Freire, afirma que: “A principal ação do projeto educador, tal como se revela admiravelmente na teoria e prática de Paulo Freire, é levar o homem iletrado não à letra em si (letra morta ou letal), mas à consciência de si, do outro, da natureza” (BOSI, 1992, p.341). Essa, pois, a grande função da Educação: libertar o homem para que, para além do conhecimento da letra em si, possa conscientizar-se como pessoa/agente da história ao mesmo tempo em que (re) descobre a si e ao Outro.

Por isso, totalmente inserida na Educação, cada vez mais ressaltamos a importância do ensino da literatura, atrelada à participação do aluno, sempre:

A literatura deve ser vista em sua diversidade e é hoje, mais do que nunca, uma mediadora entre diferentes culturas. Nesse contexto, o professor deve ter em mente que, seja qual for a forma ou recursos tecnológicos hoje adotados, o texto deve ser o condutor, o protagonista da relação professor/aluno e deste com o mundo e consigo mesmo. (...) No entanto, é fundamental que seja valorizada a visão interpretativa do aluno, ou seja, embora o professor possa chamar atenção sobre os aspectos estéticos e estruturais do texto, deve ser parceiro do aluno na interpretação, até mesmo para facilitar sua intervenção caso necessário. (ALMEIDA, 2014, p. 10)

Longe de ser uma proposta, nosso objetivo aqui foi o de suscitar uma reflexão sobre a importância de pequenas ações, realização de atividades simples que possam contribuir para o ensino da literatura em sala de aula. Atividades em que o aluno seja protagonista e compreenda o valor de seus conhecimentos e experiências agregados ao ato da leitura dos textos literários, fazendo o que ele souber de melhor: cantar, representar, compor, desenhar, pintar, decorar, ... tudo é válido e pode ser aproveitado para que o ensino da literatura seja, enfim, o que tanto

almejam: uma tarefa agradável e importante para o aluno – porque vai fazer com satisfação, vai sentir orgulho do seu trabalho e vai guardar em sua memória.

Os caminhos são muitos e não há nenhuma receita pronta, o que pode dar certo em determinada situação, pode não dar em outra. É preciso considerar sempre as especificidades de cada região, cada escola e, claro, de cada turma e professor. As condições serão sempre variáveis.

Talvez o professor consiga montar uma superprodução, ou apenas uma apresentação simples; um sarau, ou pequenas declamações criativas; trabalhar com canções e cantores conhecidos dos alunos, ou apresentar algo desconhecido até então e conseguir boas surpresas. Criar atividades para que os alunos possam desenvolver a sua própria criatividade.

Afinal, o que importa mesmo é “colocar o aluno para trabalhar”, e trabalhar junto com ele, de mãos dadas.

Bibliografia

ABAURRE, Maria Luíza M. PONTARA, Marcela N. **Literatura brasileira: tempos, leitores e leituras**. Volume único. São Paulo: Moderna, 2005.

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Literatura, História e Política**. São Paulo: Ática, 1989.

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. Literatura e Ensino: perspectivas metodológicas. In: **Rios Eletrônica- Revista Científica da FASETE**, p.7-19, ano 8 n. 8 dezembro de 2014. Disponível em:

https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2014/8/literatura_e_ensino_perspectivas_metodologicas.pdf . Acesso em 26 ago. 2021.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992, p. 88-89.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2019.

LEMOV, Doug. **Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência**. São Paulo: Da Boa Prosa, 2011.

PEPETELA. **As aventuras de Ngunga**. 2ª Edição. São Paulo: Ática, 1981.

_____. **Mayombe**. Lisboa/Luanda: Edições 70/UEA, 1980.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **El ingenioso hidalgo don Quijote de la Mancha**. Madrid: SGEL, 2010.

SALMAZIO, Camila. **Conheça a história de Mercedes Sosa, a voz da América Latina.**
Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/07/20/conheca-a-historia-de-mercedes-sosa-a-voz-da-america-latina>. Acesso: 26 ago. 2021.